

## **‘Uma flor no meio de espinhos’: diferença e exclusão na vida e obra de Jhamak Kumari Ghimire**

**Sílvia Ester Orrú**

Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte, 70910-900, Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: seorru@unb.br

**RESUMO.** O artigo tem como objetivo testilhar sobre a obra autobiográfica ‘*Uma flor no meio de espinhos*’, escrito por Jhamak Kumari Ghimire, poetisa nepalesa nascida com paralisia cerebral. Fundamentado na Crítica Feminista de Jenny Morris, o texto articula a obra com as violências enfrentadas pelas mulheres nepalesas com deficiência como forma de resistência e resiliência à cultura e estrutura social patriarcal que alicerçam a sociedade do Nepal. O artigo traz à tona a discussão sobre as barbáries do preconceito, da discriminação social, do capacitismo pela deficiência, da violência física, sexual, moral, psicológica, jurídica e patrimonial sofridas por inúmeras mulheres com deficiência nas comunidades nepalesas. A diferença e a exclusão são elementos centrais da vida e da obra da autora, bem como do referencial teórico de análise. Todas as informações mencionadas sobre a autora foram extraídas de seu livro autobiográfico publicado em nepalês no ano de 2010 e traduzido para o inglês em 2012. As considerações finais destacam a qualidade da obra da autora e a importância da ocupação de seu lugar de fala na literatura como mulher com deficiência para a construção de recursos históricos, sociais e feministas que fomentem a ruptura com o paradigma excludente alimentado pelo patriarcado.

**Palavras-chave:** literatura nepalesa; mulheres com deficiência; violência de gênero; capacitismo; discriminação.

## **‘A flower in the midst of thorns’: difference and exclusion in the life and work of Jhamak Kumari Ghimire**

**ABSTRACT.** The article aims to testify about the autobiographical work ‘*A Flower in the Midst of Thorns*’ written by Jhamak Kumari Ghimire, a Nepalese poet born with cerebral palsy. Based on Feminist Criticism by Jenny Morris, the text articulates the work with the violence faced by Nepali women with disabilities as a form of resistance and resilience to the patriarchal culture and social structure that underpins Nepalese society. The article brings to light the discussion about the barbarities of prejudice, social discrimination, ableism due to disability, physical, sexual, moral, psychological, legal and property violence suffered by countless women with disabilities in Nepalese communities. Difference and exclusion are central elements of the author's life and work, as well as the theoretical framework of analysis. All the information mentioned about the author was taken from her autobiographical book published in Nepali in the year 2010 and translated into English in 2012. The final considerations highlight the quality of the author's work and the importance of occupying her place of speech in literature as a woman with disabilities for the construction of historical, social and feminist resources that encourage the rupture with the exclusionary paradigm fed by patriarchy.

**Keywords:** Nepali literature; women with disabilities; gender violence; ableism; discrimination.

Received on February 21, 2024.

Accepted on June 24, 2024.

### **Introdução**

O termo ‘diferença’ tem conotado diversos e distintos sentidos nas muitas sociedades que foram organizadas ao longo da história da humanidade, cada qual ancorada em seus princípios e valores fundamentais. No modelo médico da deficiência, pela diferença as pessoas têm sido agrupadas, segregadas e excluídas (Palacios, 2008). Contudo, neste texto nós nos apropriamos da diferença como um atributo, uma qualidade própria da espécie humana, entendendo que somos todas e todos, igualmente, diferentes. Por sermos diferentes, temos modos distintos de perceber o mundo em derredor, de sentir, de reagir, de aprender, de conviver com os outros sendo diferentes (Orrú, 2017). Nesta perspectiva adotada, não há

inteligências inferiores ou superiores, tampouco se presume que a pessoa com deficiência seja inferior ou de menor valor que os demais seres humanos. A diferença é de todos nós! A diferença e as liberdades de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas sendo diferente, são valores humanos inegociáveis e norteiam a tecitura deste artigo.

Atualmente, próximos ao emblemático ano de 2030 cujas metas do Pacto Global (Sachs et al., 2023) dizem respeito ao desenvolvimento sustentável; educação inclusiva e equitativa de qualidade para todas as pessoas; acesso e garantia de educação para as meninas de todo o planeta; eliminação de todas as formas de discriminação por gênero, sexo, raça, etnia, religião e deficiência; erradicação da pobreza, das desigualdades e das injustiças sociais; a ‘diferença’ ainda permanece sendo resistida e eleita para categorizar pessoas e segregá-las pelas suas próprias diferenças, pluralidades e multiplicidades.

No ranque mundial relacionado às metas do Pacto Global para 2030, o Nepal ocupa o 99º lugar entre 166 países (Sachs et al., 2023). No país, 64,9% da população com 15 anos ou mais está alfabetizada, destes, 75,58% são homens adultos e 55,11% são mulheres adultas (diferença de 20,47% a menos para as mulheres). Entre jovens na faixa de 15 a 24 anos, as taxas de alfabetização são de 92,59% para o sexo masculino e 87,39% para o feminino (diferença de 5,2% a menos para as jovens mulheres) (Countrymeters, 2023). No que tange às desigualdades de gênero e violências, as mulheres nepalesas são vítimas, principalmente do posicionamento social inferior e subalternizado que lhe são atribuídos por meio de uma cultura patriarcal altamente machista. O tráfico sexual, o feticídio, a violência doméstica também são consequências de um lugar inferior no corpo social, agravado pela pobreza e analfabetismo (Dahal et al., 2022).

Uma das metas do Pacto Global é a eliminação de todas as formas de discriminação e garantia de educação para todas as pessoas, especialmente às meninas em razão da desigualdade de gênero. Contudo, as pessoas com deficiência (PcD) constituem uma parte do corpo social que tem sido substancialmente negligenciada, silenciada, invisibilizada, segregada e excluída para além das fronteiras abissais da própria exclusão. O último Relatório Mundial sobre a PcD realizado no ano de 2011 revelou que 15% da população mundial, ou seja, mais de um bilhão de pessoas, convive com alguma forma de deficiência, sendo que 200 milhões experimentam dificuldades funcionais consideráveis. Cerca de 150 milhões são crianças ou adolescentes menores de 18 anos de idade (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco], 2020). Para a Organização Mundial da Saúde, as PcD costumam apresentar piores perspectivas de saúde, níveis mais baixos de escolaridade, participação econômica menor, e taxas de pobreza mais elevadas em comparação às pessoas sem deficiência (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2011).

Vinculado às metas do Pacto Global, o Quadro de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030 revelou os resultados do Inquérito Global de 2023 sobre a PcD como um seguimento de uma pesquisa realizada em 2013 pela UNDRR que foi discutida em 2015 na cidade de Sendai, Japão, durante a Conferência Mundial sobre o Risco de Desastres e Redução da Deficiência. Os resultados apontam o risco desproporcional ao qual as PcD estão sujeitas no caso de catástrofes e a necessidade da construção e implementação de políticas inclusivas para o acolhimento dessas pessoas. A pesquisa realizada entre janeiro e março de 2023 resulta em um total de 6.342 respostas de 132 países. No inquérito de 2013 houve 5.717 respostas de 137 países. Contudo, os resultados atualizados mostram progressos limitados na inclusão da PcD nos últimos 10 anos, sem diferenças significativas entre as regiões (United Nations Office for Disaster Risk Reduction [UNDRR], 2023).

Segundo o Relatório de Monitoramento Global da Educação de 2020 (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco], 2020), 80% das PcD residem nos países emergentes ou em desenvolvimento e encontram mais dificuldades para se desenvolver em diferentes aspectos sociais. O relatório aponta que mais de 50% das pessoas com deficiência não conseguem pagar por serviços de saúde. Enquanto 60% das crianças completam o ensino fundamental nos países desenvolvidos, apenas 45% (meninos) e 32% (meninas) conseguem completar essa etapa nos países em desenvolvimento.

O Censo do Nepal de 2021 afirma que 2,2% da população tem algum tipo de deficiência, destes, 2,5% corresponde à população masculina e 2,0% à feminina (National Federation of the Disabled Nepal [NFDN], 2023). Todavia, segundo especialistas de organizações diversas, este número é muito maior em razão da extrema pobreza, de conflitos provenientes de uma década do maoísmo e do último terremoto acontecido em 2015 (Shrestha, 2023).

A pobreza e a falta de investimentos governamentais suficientes para a garantia de uma vida digna, impactam drasticamente na vida das PcD no Nepal. Para além dos aspectos econômicos, a falta de acesso ao conhecimento, a masculinidade tóxica e o apego às tradições e rituais religiosos supersticiosos, prejudicam

profundamente o bem-estar e o acolhimento a essas pessoas. A superstição atrela a deficiência a pecados cometidos em vidas passadas, de modo que tanto nos templos religiosos, dentro das famílias, como nos mais diversos espaços sociais, as PcD são discriminadas, rejeitadas e excluídas. A ausência da popularização da ciência impacta na crença de que essas pessoas devem ser curadas por curandeiros, dificilmente chegando a ter acesso à medicina em centros de saúde pública (The Rising Nepal, 2023).

Conforme dados do Instituto de Estudos de Desenvolvimento (IDS) com pesquisas financiadas pelo Reino Unido (Rohwerder, 2020), mulheres com deficiência (McD) enfrentam discriminação e preconceito em razão de seu gênero e sua condição de PcD. Elas enfrentam estigmas em relação ao casamento e sua capacidade de gerar ou criar filhos. Frequentemente são questionadas se deveriam se casar ou ter filhos, muitas vezes são julgadas como sendo uma ameaça aos seus próprios filhos por duvidarem que sejam capazes de os amar e os cuidar. Cerca de 70% das mulheres nepalesas com deficiência não são casadas. O estudo também aponta que algumas famílias arranjavam casamentos para suas filhas com deficiência com qualquer homem que as aceitassem em razão da baixa expectativa que tinham sobre elas. Há relatos sobre as McD serem obrigadas a realizarem abortos e esterilizações sem seus consentimentos. A falta de acesso à informação sobre a saúde reprodutiva e a captura da liberdade de fazer escolhas sobre seu próprio corpo configuram uma duríssima realidade (National Alliance of Women Human Rights Defenders [NAWHRD], 2018). Contudo, algumas McD decidiram por si mesmas com quem queriam se casar e deram à luz aos seus filhos, mesmo apesar da grande oposição social que tiveram que enfrentar.

Ainda segundo o estudo do IDS, é elevado o número de casos de abusos e violência sexual contra McD, inclusive dentro da própria família e conhecidos, como também por seus próprios professores e cuidadores, sendo tais crimes ocultados e não denunciados por vergonha ou por medo de serem abandonadas pelos familiares dos quais dependem, bem como pela sua comunidade. Mulheres com deficiência intelectual ainda são mais suscetíveis a abusos físicos, emocionais e sexuais. As McD costumam ter pouco ou quase nenhum acesso aos mecanismos de justiça social (Rohwerder, 2020).

No Nepal as PcD têm muitas dificuldades em encontrar um emprego e costumam depender muito do sustento de suas famílias. Mesmo havendo legislações que apoiam a empregabilidade da PcD, a implementação das políticas públicas é significativamente deficitária. Em 2018 uma pesquisa realizada com 400 PcD apontou que somente 16% tinham acesso a uma renda mensal, entretanto, a remuneração que recebiam costumava ser sempre mais baixa se comparada às demais pessoas sem deficiência (Samarajiva, 2018; Prasai & Pant, 2018). De acordo com o estudo de Eide et al. (2016), as McD tinham menos projeção na vida laboral, sendo que apenas 4,1% tinham um trabalho remunerado em comparação com 17,1% dos homens com deficiência (HcD). As PcD com maior escolaridade são aquelas que conseguiram se inserir no mundo do trabalho, contudo, elas se queixam da rejeição, falta de respeito e desconsideração experimentadas em seus locais de trabalho por parte de colegas e de empregadores. A falta de infraestrutura e acessibilidade no trabalho e a precariedade das estradas e dos meios de transporte também são grandes desafios às PcD no país (Prasai & Pant, 2018). O medo de perder sua fonte de sustento faz com que se calemb diante de tamanhas injustiças e abram mão de denunciar seus abusadores.

Importante dizer que embora a legislação nepalesa afirme que todas as crianças têm direito à educação, grande parte das crianças com deficiência (CcD) é excluída desse processo e se encontram fora da escola, além de apresentarem os índices mais altos de abandono escolar e repetência (Human Rights Watch [HRW], 2018; Poudyal et al., 2018). Segundo Eide et al. (2016), apenas 41,3% das CcD se beneficiam de alguma oportunidade educativa; cerca de 59,5% das PcD com idade igual ou superior a 5 anos de idade nunca foram à escola, em comparação com 29% daquelas sem deficiência. O estudo também revela que a maioria das PcD permanece por menos tempo frequentando a escola (principalmente as que se encontram nas zonas rurais), o que impacta drasticamente na conquista de qualificações para serem inseridas no mundo do trabalho. As taxas de analfabetismo são de 45% para CcD, demasiadamente altas se comparadas a de 11% para aquelas sem deficiência. Lamentavelmente, muitas CcD são rejeitadas na escola em razão da recusa ou resistência em fazerem as mudanças necessárias para o acolhimento à criança e suas demandas. A falta de uma abordagem pedagógica inclusiva afeta diretamente a vida dessas crianças e seu desempenho escolar (Eide et al., 2016; Raut, 2018; Holmes et al., 2018). Em 2018, das mais de 30 mil escolas existentes no Nepal, apenas 380 tinham recursos relacionados à educação especial, ou seja, a extensa maioria das escolas não dispunha de material em braile, assistência pedagógica para estudantes com surdocegueira, autismo, paralisia cerebral, surdez, dentre tantas outras condições singulares (Human Rights Watch [HRW], 2018).

Ainda segundo Eide et al. (2016), as McD apresentavam frequência bem mais baixa (22,6%) se comparadas a de HcD (47,9%) e níveis de alfabetização (26,1%) menos avançados quando comparados aos de HcD (52%). Contudo, as taxas de frequência de homens e mulheres com deficiência eram bem mais baixas quando comparadas às pessoas sem deficiência: 81,5% dos homens sem deficiência frequentavam a escola em comparação com 50,6% de homens com deficiência; enquanto 61,7% das mulheres sem deficiência frequentavam a escola em comparação com 29,8% de mulheres com deficiência.

Outro ponto que precisa ser considerado como opressor ao feminino diz respeito ao período em que as adolescentes e jovens mulheres com deficiência estão menstruadas. A falta de banheiro acessível nas escolas e também a ausência de absorventes higiênicos podem suceder no abandono escolar ou baixa frequência às aulas (Holmes et al., 2018; Raut, 2018). No período menstrual o *Chhaupadi* (estar impura, ser intocável) pode se apresentar como algo ainda mais hostil a essas estudantes. Na tradição patriarcal milenar, desde seu primeiro ciclo menstrual, as meninas são exiladas de suas famílias, mensalmente, por um período de 5 a 7 dias em uma pequena cabana abandonada e sem janelas. O rito se perpetua por superstições religiosas em que se acredita que a mulher se torna impura no período menstrual e, por isso, é proibida de realizar suas atividades diárias, inclusive, ir à escola. Somente ao término do período menstrual, após se purificarem, é que estão autorizadas a voltar para suas casas e demais atividades (Orrú, 2023).

Percebe-se que são múltiplos os fatores que impedem ou dificultam o acesso, a permanência e a conquista de qualificações da PcD no sistema educacional nepalês, desde impedimentos familiares por expectativas baixas de cunho capacitista, pobreza, precariedade na saúde e no transporte, até a falta de investimento público em infraestrutura com acessibilidade, formação de professores para uma educação na perspectiva inclusiva, além de uma educação popular que combata todas as formas de preconceito e discriminação presentes na cultura.

A McD tem sido comumente invisibilizada e silenciada como protagonista de sua história, de seus caminhos de vida, e é recente sua participação ativa nos movimentos sociais em toda sua amplitude. Jenny Morris, escritora e pesquisadora britânica, uma das pioneiras expoentes da Crítica Feminista a partir da deficiência, questiona e discute acerca do apagamento e ausência da McD nos estudos e pesquisas acadêmicas, bem como das políticas públicas inclusivas que deveriam acolher suas demandas específicas, especialmente destacamos o trecho: “[...] reconheça que qualquer pessoa – seja qual for o seu nível de comunicação ou disfunção cognitiva – possa expressar suas preferências[...]” (Morris, 2001, p. 15), cuja citação também se relaciona à pessoa com paralisia cerebral, sem acesso a capacidade orgânica de falar. Jenny foi vítima de um acidente automobilístico e se tornou paraplégica, sendo este o gatilho para sua mobilização ativista junto ao movimento social das PcD. Para ela:

Precisamos de uma ética do cuidado que se baseie no princípio de que negar a um ser humano os direitos humanos é minar nossa própria humanidade. Precisamos de uma ética do cuidado que reconheça que qualquer pessoa – seja qual for o seu nível de comunicação ou disfunção cognitiva – possa expressar suas preferências. Precisamos de uma ética do cuidado que vise permitir que as pessoas participem nas decisões que as afetam e a estarem envolvidas na vida da sua comunidade. Mais importante, nós precisamos de uma ética do cuidado que partindo da posição de que todos, temos os mesmos direitos humanos, também reconhece as exigências adicionais que algumas pessoas têm para ter acesso a esses direitos humanos. O reconhecimento da nossa diferença (incluindo a nossa dependência), devido às nossas deficiências, pode assim se tornar um passaporte para o reconhecimento da nossa humanidade comum (Morris, 2001, p. 15, tradução nossa)<sup>1</sup>.

O presente artigo<sup>2</sup> tem como objetivo testilhar sobre a obra autobiográfica *‘Uma flor entre espinhos’* escrito por Jhamak Kumari Ghimire (2012), poetiza nepalesa com paralisia cerebral. Fundamentado na Crítica Feminista a partir da deficiência, o texto articula a obra com as violências enfrentadas pelas mulheres nepalesas com deficiência como forma de resistência e resiliência à cultura e estrutura social patriarcal que alicerça a sociedade do Nepal. O trabalho traz à tona a discussão sobre as barbáries do preconceito, da discriminação social, do capacitismo pela deficiência, da violência física, sexual, moral, psicológica, jurídica e patrimonial sofridas por inúmeras mulheres com deficiência nas comunidades nepalesas. A diferença e a exclusão são elementos centrais da vida e da obra da autora. Todas as informações

<sup>1</sup> No original: We need an ethics of care which, while starting from the position that everyone has the same human rights, also recognizes the additional requirements that some people have in order to access those human rights. The recognition of our difference (including our dependence), because of our impairments, can thus become a passport to the recognition of our common humanity.

<sup>2</sup> Este artigo é parte dos resultados do projeto de pesquisa de pós-doutorado “Mulheres nepalesas: por uma literatura de resistência e resiliência”, realizado no Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil, sob a supervisão da Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt.

mencionadas sobre a autora foram extraídas de seu livro autobiográfico publicado em nepalês no ano de 2010 e traduzido para o inglês em 2012, neste sentido, os parágrafos dissertativos devem ser compreendidos como citação indireta à obra em questão, a saber: (Ghimire, 2012).

### Jhamak Kumari Ghimire: vida e obra

Jhamak Kumari Ghimire nasceu em 06 de julho de 1980 (ano de 2037 no calendário lunisolar Hindu conhecido como Vikram Samvat), em Kachide, no município de Dhankuta, Nepal. Filha mais velha de seus pais, Jhamak tem mais 4 irmãs e 1 irmão caçula, o preferido por ser do sexo masculino, o herdeiro que não deixaria que sua mãe morresse sem que sua vida como mulher tivesse um real sentido de existir. Ela nasceu com paralisia cerebral, nunca chegou a falar ou a andar. Sua mobilidade funcional diz respeito apenas ao seu pé esquerdo. Vítima das superstições religiosas, ela é o resultado dos pecados que cometeu em suas encarnações anteriores, por este motivo, sofreu todo tipo de rejeição, preconceito, discriminação, barbáries durante toda sua vida, principalmente durante sua infância até sua juventude.

Eu me pergunto por que o significado da beleza, da forma como eu a entendia, estava em polos opostos do significado transmitido pela sociedade a este mundo. A sociedade olharia apenas para a superfície exterior das coisas e caracterizaria algumas pessoas como bonitas ou de boa aparência, ao mesmo tempo em que despreveria outras como sendo feias ou pouco atraentes. Mas eu nunca diferenciei algumas pessoas como atraentes e outras como o contrário disso, apenas baseada na aparência facial. [...]. É possível que eu não tenha entrado na definição de beleza sentida e compreendida por outras pessoas. Eu nasci com um corpo frágil, o que significava para alguns outros, que eu também não tinha alma, nem desejos, nem sentimentos, nenhuma beleza. Ao olharem para mim externamente pela primeira vez, talvez as pessoas me achassem extremamente feia. Isto é natural, já que a sociedade olharia somente para a estrutura corporal, em outras palavras, apenas para os ossos, pele e carne (Ghimire, 2012, p. 53-54, tradução nossa)<sup>3</sup>.

No Nepal muitas famílias anseiam pelo nascimento de meninos como se fosse um tesouro dos céus e se aborrecem quando nasce uma menina, como se ela fosse uma maldição. Nascida em uma família muito pobre e sob a condição da deficiência, Jhamak foi rejeitada e maltratada pelos seus pais e por todos com quem convivia, exceto por sua avó a quem ela menciona com muito carinho em seu livro, e que veio a falecer quando ela tinha apenas 5 anos de idade. Sua avó foi a única pessoa que a acolheu e que se preocupou em alimentá-la, em lhe dar conforto em seus braços, seu sonho era que a menina conseguisse lhe chamar de vovó.

Em seu livro ela relata que era tratada pior do que qualquer animal abandonado. Desde muito pequena sofreu com a indiferença das outras pessoas no tocante às necessidades básicas como precisar de ajuda para comer, ir ao banheiro ou agasalhar-se. Não tendo a capacidade de falar sobre o que sentia, desejava ou necessitava, era dependente da ação das outras pessoas de se importar com ela. Ignorada, ela experimentou a cada dia a indiferença, a misoginia e o ódio des-humano. Desprezada em razão de sua condição tão singular, Jhamak precisou aprender a fazer uso de seu pé esquerdo para buscar comida e não passar fome.

Eu era uma pessoa amaldiçoada pelos deuses, pois sofria as consequências resultantes dos pecados cometidos durante meu nascimento anterior – assim eles acreditavam. Nasci em uma sociedade que acreditava em um número infinito de ciclos de morte e nascimento. Era por isso que eu era considerada um espinho penetrante na carne de todos ao meu redor. Aqueles olhos nunca se encheram de compaixão por mim e seus corações nunca se derreteram de amor. Eles foram bastante abusivos comigo e ficaram com raiva de mim. Era certo e justo que tal coisa tivesse acontecido comigo – uma menininha terna, delicada e inocente? [...]. Mas a tragédia foi que eu não tinha um modo, nem voz, nem qualquer meio de expressão, pelo qual pudesse expressar as minhas queixas. Eu era apenas um organismo vivo. Quão sufocante era a minha vida! Em nenhum lugar havia saída para as minhas dores e sofrimentos (Ghimire, 2012, p. 68, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Enquanto os adultos da família saíam para trabalhar, ela suportava todos os excrementos de seu próprio corpo sem ninguém para ajudá-la. Durante o período em que seus irmãos frequentavam a escola, ela

<sup>3</sup> No original: *I wonder why the meaning of beauty, as I understood it, was poles apart from the meaning imparted by society to that world. The society would look merely at the outer surface of things and characterize some persons as handsome or good-looking, while at the same time, describing some others as ugly or unattractive. But I never differentiated some persons as attractive and others as the reverse merely on the strength of their facial appearance. [...] It is possible that I did not come under the definition of beauty as was felt and understood by people. I had been born with a frail body, which meant, to some others, that I had no soul, no desires, and sentiments either; no beauty. As people would see me outwardly for the first time, they would perhaps find me to be extremely ugly. It was but natural, since the society would look only at the body frame – in the words, only at the bones, skin, and flesh.*

<sup>4</sup> No original: *I was someone who had been cursed by the gods, because in this life I had received the fruit of sins from a former life. I had been born into a society whose culture said that people lived from one birth to another. So I was a thorn that pricked everyone's eyes. When they saw me those eyes did not fill with sympathy and that heart never melted with love. Who were very displeased with me, who were very angry. In the end, how right was it for them to be like this to a tender, innocent child? [...] But the tragedy was that I had no medium, no voice, and no means of expression whatsoever, whereby I could have uttered my grievances. I was merely a living organism. How suffocating was my life! Nowhere was there any outlet for my pains and sufferings.*

brincava sozinha com lama e pedrinhas no quintal. Atenta às atividades que seus irmãos traziam da escola, especialmente sua irmã, ela começou a sonhar que poderia aprender a ler e a escrever, então, começou a brincar de escrever na lama usando seus dedos do pé esquerdo. Mas a oportunidade de ir à escola jamais aconteceu. Jhamak nunca chegou a frequentar uma escola ou universidade.

Na cultura nepalesa há uma superstição que quando alguém rabisca na terra, dívidas acometerão sua vida e isso também trazia raiva sobre Jhamak. Mas ao passo que descobria a existência de letras e palavras, a menina se esmerava em tentar e tentar escrever com seus dedinhos na lama, principalmente de manhãzinha, quando o orvalho umedecia a terra. Sua determinação era tamanha que seus dedos já machucados misturavam seu sangue com a lama. Na tentativa de afastá-la da lama, seus pais lhe colocavam sapatos nos pés. Desesperada, Jhamak esfregava seus pés no chão para arrancar os sapatos, pois estes sequestravam sua autonomia, já que tudo o que conseguia fazer era a partir dos dedos de seu pé esquerdo e da planta de seu pé direito que lhe servia de apoio em determinadas situações. Por se arrastar pelo chão, foi muitas vezes chamada de cobra e como suas roupas se desgastavam rapidamente, sua nudez era percebida de modo que sua genitália se tornava alvo de pedras e bolas de lama que os des-humanos lhe jogavam. E nestes arrastos movidos pelo desejo desmedido de se comunicar, muitas foram as pedras e os espinhos que feriram e sangraram seu corpo de menina.

Às vezes eu me sentia terrivelmente frustrada e me sentia mal: ‘Que vida miserável eu tenho!’ Sempre que estivesse sozinha, eu poderia rastejar até uma pedra mais próxima e bater com os sapatos nela com toda força que conseguisse. Assim eu expressaria a minha raiva contra aqueles que forçaram meus pés a calçarem sapatos. Esses impactos resultaram em ferimentos graves em alguns lugares dos meus pés, eu tentava, sem sucesso, tirar os sapatos. Eu não tinha outra alternativa a não ser chorar, e chorar alto e sozinha. Esses foram os momentos mais difíceis da minha vida em que também sofri. Mas assim que o médico declarou que não havia remédio para minha doença, meus pais perderam toda a esperança e deixaram meus pés em paz – sem sapatos. Enquanto meus pés permanecessem confinados aos sapatos, não havia como eu indicar que queria urinar ou evacuar, nem demonstrar que eu estava com fome ou sede. Consequentemente, eu urinava ou evacuava inúmeras vezes em minha própria roupa. E a sujeira fazia com que minha pele ficasse cheia de feridas e erupções. Aqueles tempos foram extremamente duros e cruéis para mim. E ainda recebia diversas surras, todos os dias, pelo delito de sempre sujar novamente a roupa. Meu destino era ser espancada severamente! Minha infância foi, portanto, repleta de todo o tipo de tortura e dor, o tempo todo (Ghimire, 2012, p. 115, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Ao perceber que sua irmã deixava alguns de seus cadernos em casa, Jhamak passou a tentar escrever neles. Seu pai se aborrecia com isso e dizia que de nada valeria lhe oferecer alguma educação, assim, ele passou a separá-la de sua irmã, para não atrapalhar seu desenvolvimento na escola. Mesmo assim, Jhamak insistia e cria que poderia aprender a escrever e a fazer leituras a partir de seu coração. Mas a cada vez que tentava fazer algo novo, seu pai a punia. Tanto seu pai como outras pessoas frequentemente a xingavam e a amaldiçoavam, ela era vista como algo bizarro, não humano. Sentindo-se sempre como um fardo para sua família, sua angústia era profunda e sua oração era para que Deus a deixasse morrer.

De acordo com Morris (1991), o modo como vivem as PcD é fortemente influenciada pela cultura e pensamento social da população de pessoas sem deficiência, o que produz uma sociedade altamente capacitista e reducionista do potencial das PcD. Mas quando se trata da McD, a exclusão se caracteriza como ainda mais abissal em razão da estrutura patriarcal que se move em todos os espaços.

A forma como vivemos as nossas vidas é fundamentalmente influenciada pelas reações das outras pessoas às nossas diferenças físicas e intelectuais, mas também pelas reações da sociedade às necessidades criadas por essas diferenças. Tais reações influenciarão, por exemplo, se podemos viver nas nossas próprias casas, ter os mesmos direitos educativos que adultos e crianças sem deficiência, que tipo de trabalho fazemos, se temos acesso às mesmas atividades de lazer que as pessoas sem deficiência, se podemos ter relações sexuais, amizades, ter filhos, e assim por diante (Morris, 1991, p. 78, tradução nossa)<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> No original: Sometimes I felt terribly frustrated and felt ugh! What a miserable life I have! Whenever I would be alone, I could crawl up to a nearby rock and hit it with the shoes as hard I possibly could. I would express my anger against those who forced shoes on my feet. Such impacts would result in my feet being injured severely at some places, and I would try to remove the shoes, but to no avail. I would then be left with no alternative but to weep and weep, loudly and alone. Those were the toughest moments of my life which also I had suffered. But once the doctor pronounced that my ailment was beyond remedy, my parents lost all hope and let my feet alone – without shoes. As long as my feet had remained confined within the shoes, there was no way I could indicate that I wanted to pee or pass stool, nor to hint that I was hungry or thirsty. As a result, I would pass urine or stool times without number on my garment itself. And the filth would result in my skin being filled with sore and eruptions. Those were extremely harsh and cruel times for me. And on top of it, I would receive several beating everyday for the offence of soiling and dirtying my clothes. What a destiny that I had to be beaten severely! My childhood days were thus filled with all kinds of tortures and pain all the time.

<sup>6</sup> No original: The way we live our lives is fundamentally influenced by other people's reactions to our physical and intellectual differences but also by society's reactions to the needs created by those differences. Such reactions will influence, for example, whether we can live in our own homes, have the same educational rights as non-disabled adults and children, what kind of work we do, whether we have access to the same leisure activities as the non-disabled population, whether we can have sexual relationships, friendships, have children, and so on.

A terra, o céu e seus dedos do pé tal qual um lápis serviam-lhe de inspiração e motivo para não desistir de aprender a escrever e a ler o mundo ao seu redor. Mesmo embora seus pais e todas as demais pessoas lhe tratassem como sendo um ser desprezível, Jhamak se apegava ainda mais em seu propósito de escrever, sendo sempre muito atraída pela arte e pela literatura. Seus pés e seus dedos dos pés eram seus recursos fundamentais de comunicação e lhes eram tão importantes e necessários quanto seus órgãos internos.

Morris (1991) destaca que apesar do modelo médico da deficiência que se sustenta no déficit e na doença, bem como da cultura de subestimação e descrédito quanto ao potencial da PcD, elas lutam para afirmar para si mesmas e para a sociedade a sua autonomia, ao mesmo tempo em que contrariam sua impotência a partir de tudo o que podem ser e fazer para além das limitações que vivenciam.

Os modelos médicos e de ‘tragédia pessoal’ da deficiência e as atitudes que os acompanham são uma parte muito importante da impotência sentida pelas pessoas com deficiência na sua relação com as profissões cujo papel é tão importante para a qualidade e natureza da nossa vida cotidiana. As pessoas com deficiência — nas suas lutas para afirmar a sua autonomia e contrariar a sua impotência — desafiam estas atitudes no seu contato diário com aqueles que têm poder sobre nós (Morris, 1991, p. 118, grifo do autor, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Lutar para sobreviver foi seu objetivo desde a infância e, nesta batalha diária pela vida, aprender a escrever com seus dedos do pé era a sua única opção de comunicação, de se fazer compreendida. As dificuldades e a pobreza não lhe foram impeditivos para mover seu espírito forte e sua potência na elaboração de seu pensamento e na materialização de sua escrita.

Em diversas ocasiões Jhamak implorava a seu pai para que lhe desse uma caneta e um caderno ou pedaços de papel para que pudesse escrever seus poemas, suas cartas que nasciam em seu coração. Curiosa, era concebida como rebelde. Certo dia, rabiscou no chão de barro um pedido para que seu pai atendesse o seu desejo. Furioso, ele a surrou, mais uma vez dentre tantas outras, com um pedaço de pau, sem nenhuma misericórdia. Suas dores físicas pelo corpo abatido eram terríveis, mas as dores da alma lhe pareciam insuportáveis. Seu destino parecia se limitar a bocados de arroz pela manhã e ao dormir, um corpo mendigo em um universo social extremamente cruel. Em sua alma dolorida, ela pensava o quanto teria sido bom se pudesse ter tido acesso a uma caneta, cadernos e livros durante seus dias de uma infância tão aplacada de durezas e hipocrisias. Suas lágrimas inundavam seu rosto como chuva torrencial. Irritado, seu pai mandou que sua esposa lhe batesse ainda mais com o pau. Mas naquele dia, movida por algum carinho ou bondade que nunca havia passado antes por ali, sua mãe decidiu lhe dar um caderno e uma caneta. Já estando na adolescência, essa foi a primeira vez que teve acesso aos materiais que tanto desejava. Contudo, a tristeza profunda que sentia naquele momento era tão imensa que ela sequer se sentiu feliz por ter alcançado seu objetivo.

Com o tempo, sua irmã, Mina, passou a lhe apoiar. Ela trazia da biblioteca os livros para que Jhamak lesse e também lhe dava folhas de papel que arrancava de seus cadernos. Jhamak prestava atenção nas atividades que sua irmã trazia da escola e como ela pronunciava as palavras que escrevia. Sua irmã se preocupava com ela e a ajudava como podia, quer fosse com materiais para ler e escrever ou cuidado com seu corpo e alimentação.

O *Chhaupadi* é uma realidade na vida das meninas e das mulheres sob os tentáculos do patriarcado tão presente na crença Hindu. Não foi diferente para Jhamak. Ao menstruar pela primeira vez, foi separada em um quarto fechado e, sem informações sobre o que estava acontecendo com seu corpo, sentiu medo e pavor. Foi avisada por sua mãe que ela não deveria olhar ou tocar em seu irmão mais novo, pois isto faria com que sua vida fosse reduzida. A curiosidade, a determinação e a ousadia de questionar as normas que lhe eram impostas eram fortes características de sua personalidade. Assim, sabendo que seu irmão mais novo ainda era muito pequeno para entender certos contextos, ela o tocou e também comeu da comida que ele lhe ofereceu. Ousada, retrucou sua mãe: eu toquei em seu filho e ele não morreu! Como consequência de sua desobediência, sua mãe passou a lhe deixar trancada para evitar o contato com os homens da casa, principalmente com seu irmão.

Jhamak se tornou independente para escrever e, deste modo, perguntava ou dizia a qualquer pessoa aquilo que vinha a sua mente. Pela escrita era questionava e desafiava as normativas culturais de sua família e da comunidade em que vivia. Ela expunha seu corpo ao se mover pelo chão, surpreendia a todos com sua capacidade de escrever e se comunicar com os dedos de seu pé esquerdo, incomodava os hipócritas com seu pensamento descolado de uma cultura machista, misógina, preconceituosa, capacitista e reducionista do

<sup>7</sup> No original: *The medical and 'personal tragedy' models of disability and the attitudes which go with them are a very important part of the powerlessness experienced by disabled people in their relationship with those professions whose role is so important to the quality and nature of our daily lives. Disabled people — in their struggles to assert their autonomy and to counter their powerlessness — challenge these attitudes in their day-to-day contact with those who have power over us.*

potencial humano. Ainda assim, ela permanecia sendo desacreditada por sua família e demais pessoas, a sociedade lhe desejava uma morte repentina para não precisar vê-la em seu caminho. Nas palavras de Morris:

As suposições de que as nossas vidas não valem a pena ser vividas só são possíveis quando as nossas realidades subjetivas não encontram lugar na cultura dominante. Onde a deficiência é representada na cultura geral, isto é, principalmente do ponto de vista das pessoas sem deficiência e, portanto, os seus medos e hostilidade, e as suas próprias agendas culturais, dominam a forma como somos apresentadas (Morris, 1991, p. 13-14, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Jhamak sofreu todo tipo de abuso e violência física e psicológica que se pode imaginar. Leal às suas próprias convicções sobre a vida e a morte, ela se apegava cada vez mais a si mesma e fazia de sua dor e sofrimento a força e a criatividade que precisava para permanecer seguindo com seu propósito de ler e escrever seus pensamentos. Amalgamada a sua narrativa pessoal, ela teceu inúmeras questões sociais desafiadoras e realizou análises críticas profundas e complexas sobre o ser humano e sua passagem tão des-humana pela humanidade.

Semelhante à maneira como uma flor desabrocha entre espinhos e floresce encantadoramente, a vida, igualmente, parece florescer em meio a labutas e tribulações. O ser humano deseja viver sem precisar enfrentar golpes e injúrias, sem sofrer dores e aflições. Seu desejo é viver a vida de maneira tranquila. Mas a vida nem sempre viaja em uma superfície plana como o desejado. Se tudo sempre corresse tão bem, não seríamos capazes de saborear as delícias da vida. E é apenas porque o ser humano precisa passar por uma multidão de dores e agonias, é que ele continua lutando para alcançar a felicidade e a bem-aventurança. Da mesma maneira, talvez uma flor não fosse tão bela se não fosse por seus espinhos (Ghimire, 2012, p. 269, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Para Morris (1991), fora da cultura geral e feminista, existe uma cultura emergente da deficiência que instiga a PcD a olhar para sua dor e sua própria deficiência e, então, fazer a escolha de escrever sobre si para que outras pessoas conheçam sua história e eliminem todas as formas de preconceito e discriminação. Esse não é um processo fácil, porém, doloroso e complexo na busca de palavras que possam expressar aquilo que sentem diante da sociedade. Todavia, vale ressaltar que a palavra sempre será a incompletude do que sentimos, daquilo que nos escapa, que é da ordem do indizível e insuportável.

A intensidade de sua escrita criativa a levou para o mundo de outras pessoas e essas achegaram-se ao mundo de Jhamak. Em um momento muito difícil de sua vida, uma equipe do jornal nepalês *Kantipur* se impressionou com ela e sua escrita. Logo após, o professor Dr. Govinda Raj Bhattarai, da Universidade de Tribhuvan, também a incentivou a publicar seus escritos. Jhamak se tornou colunista do Jornal *Kantipur* e foi entrevistada por várias pessoas e meios de comunicação, inclusive pela Universidade John Moores de Liverpool, no Reino Unido (Rollingnexus, 2019).

Em 1999, aos 19 anos de idade, a jovem nepalesa Jhamak Ghimire despontou no cenário literário de seu país com seus poemas, canções, histórias, ensaios e anotações que tecia com seu espírito crítico. Seu domínio da língua e da literatura surpreendia a todos. Sua perspectiva crítica sobre a realidade social chamava a atenção do público erudito. A paralisia cerebral havia comprometido seu corpo na capacidade de realizar muitos movimentos, mas sua mente estava ali, altamente produtiva e hábil para traçar discussões complexas com os mais destacados escritores de seu tempo. Por meio de seus pés ela pode escrever, registrar e compartilhar seus pensamentos sobre política, identidade, religião, feminismo, sexualidade, direitos humanos, direitos das mulheres, direitos das PcD, literatura e arte, sempre com sensibilidade e coragem, acolhendo as mais tocantes expressões de amor, alegria, tristeza, mágoa, desejo e fé.

O sacrifício sangrento de dezenas de milhares de pessoas deixou atrás de si uma terrível agonia. Aqueles que foram sacrificados, sonhavam com um futuro brilhante à frente. Era natural que assim sonhassem; mas nem todos os sonhos podem se tornar realidade esta é uma verdade eterna. [...]. Quão bonito e humano poderia ser este mundo se vivêssemos para a alegria e felicidade dos outros, então todos os tipos de violência desapareceriam. (Ghimire, 2012, p. 260-261, tradução nossa)<sup>10</sup>.

De Mulher com Deficiência desprezada, ela se tornou uma das 9 mulheres nepalesas a ser indicada para o Prêmio Nobel da Paz de 2005, ocupando seu lugar de fala veemência. Segundo Morris (1991),

<sup>8</sup> No original: Assumptions that our lives are not worth living are only possible when our subjective realities find no place in mainstream culture. Where disability is represented in the general culture it is primarily from the point of view of the non-disabled and so their fears and hostility, and their own cultural agendas, dominate the way we are presented.

<sup>9</sup> No original: A flower blooms amidst thorns and blossoms delightfully; life likewise, seems to flower amidst toils and tribulations... But life does not always travel in a plane surface as desired. Would it always pass as smoothly, we would not have been able to savour life's delights. It is just man has to undergo the throngs of pain and agonies, he keeps on fighting's to attain happiness and bliss. In the same way, perhaps a flower would not be so beautiful if it were not for its thorns.

<sup>10</sup> No original: The bloody sacrifice of tens of thousands of people has left behind it a terrible agony. Those that were sacrificed had been dreaming of a bright future ahead. It was natural for them to dream thus; but all dreams cannot come true – this is an eternal truth. [...] How beautiful and humane this world could be if we lived for the joy and happiness of others, then all kinds of violence would disappear.

[...] as pessoas com deficiência em todo o mundo estão cada vez mais a identificar e a confrontar o preconceito que vivenciamos diariamente, a expressar a nossa raiva pela discriminação que enfrentamos e a insistir que as nossas vidas têm valor (Morris, 1991, p. 7).

Assim, embora lhe tenha sido negado o direito à educação escolar durante a infância e a possibilidade de se tornar jornalista por um curso universitário, Jhamak se fez escritora e poeta pela sua autodeterminação e sensibilidade. Sua autobiografia *Jiwan Kada Ki Phool*, publicada em nepalês no ano de 2010, traduzida para o inglês em 2012 (*A flower in the midst of thorns*), foi vencedora de importantes prêmios literários tais como: o *Madan Puraskar* (2010) - prêmio de maior prestígio literário no Nepal, *Padmashree Sahitya Puraskar* (2010) - prêmio literário anual de literatura nepalesa, prêmio *Kabita Ram Bal Sahitya Prativa Puraskar* (2015) e o *Aswikrit Bichar-sahitya Puraskar* (2016) – prêmios literários concedidos a escritores radicais e criativos que sofreram com as barbáries impostas pelas autoridades (Rollingnexus, 2019).

Vários de seus poemas foram selecionados para premiações, tais como: *Sankalpa* (Vow); *Aafnai Chita Agni Shikhatira* (Own's Funeral Pyre Towards the Fire Apex); *Manchhe Bhitraka Yoddaharu* (Warriors Inside Humans) e *Quaati*, sendo motivos de inspiração e orgulho de seu povo. Autora de 12 livros e muitos outros poemas, prosas, ensaios, coleções de histórias, antologias e artigos como colunista, Jhamak atualmente trabalha para apoiar jovens escritoras emergentes que ainda não foram descobertos pelo mundo editorial. Além disso, por meio de seu trabalho, ela ajuda no sustento de sua família que, por tradição cultural, não tem prazer em reconhecer contribuições financeiras que sejam realizadas por filhas (mulheres). Em 2015 foi realizado um documentário sobre sua vida e publicizado no YouTube (Rollingnexus, 2019; Jhamak Ghimire Academy [JGA], 2015).

Em 2016 a *Mid-Western University*, em Kathmandu, concedeu o título de doutora *honoris causa* à Jhamak Ghimire por sua contribuição extraordinária à literatura nepalesa e por ser uma figura notável de criatividade e luta incessante a favor dos direitos humanos. A cerimônia contou com a presença da presidente do país, Sra. Bidya Devi Bhandari (primeira mulher eleita presidente), também do Primeiro-Ministro do Nepal, do Ministro da Educação, do Vice-Reitor da universidade, além de ilustres personalidades do setor literário, acadêmico e educacional (Jhamak ..., 2016; Honorary ..., 2016).

## Considerações finais

Para mim a vida é a melhor flor da criação. Não sei se a minha vida se enquadra na VIDA que eu mesma defini (Ghimire, 2012, p. 5, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Jhamak Kumari Ghimire é a Flor no meio dos muitos espinhos que sufocam o respeito às diferenças, a criação de legislações e políticas públicas não excludentes, a implementação destas mesmas leis e políticas em todos os espaços sociais de nossa sociedade tão adoecida e insalubre pelo modelo patriarcal de existência. Sua obra materializa e denuncia a misoginia e as violências brutais de toda ordem contra as mulheres com deficiência de seu país.

Sua resistência, resiliência e autodeterminação a movimentaram por caminhos inimagináveis de (re)significação de toda sua dor e sofrimento causados pelas barbáries da discriminação, segregação e exclusão por sua diferença presente em seu corpo afetado pela paralisia cerebral. Jhamak, mesmo com suas muitas limitações físicas, mostrou a sua família e ao mundo, por meio de sua literatura, que a condição da deficiência não determina quem é o sujeito, e que a perspectiva do capacitismo deve ser combatida e dissolvida no corpo social.

Por meio da ocupação de seu lugar de fala como mulher com deficiência, ela pode enunciar sua voz e se expressar por si mesma por meio de sua escrita altamente crítica e criativa, pode combater estereótipos e semear o empoderamento feminino em muitas mulheres com paralisia cerebral que, habitualmente, são subestimadas e desprezadas não apenas na sociedade nepalesa, mas por toda a Terra.

Por fim, cabe ressaltar a importância dos espaços acadêmicos, bem como do mundo e mercado editorial, de proporcionar oportunidades para que as pessoas com deficiência possam falar por si mesmas, principalmente as mulheres que foram historicamente apagadas e silenciadas, quer seja em eventos como através de publicações de seus escritos.

Antes, porém, é fundamental que eduquemos nas escolas os meninos e, no cotidiano, os homens para serem pessoas constituídas pelos ideais feministas, respeitadores das meninas e das mulheres, expoentes da

<sup>11</sup> No original: *For me, life is the best flower of creation. I don't know whether my life falls within the LIFE I myself have defined.*

luta contra todas as formas de violência de gênero fabricadas pelo patriarcado. Recursivamente, que eduquemos as meninas e as mulheres para que não tenham dúvidas sobre quem são, do potencial que têm, dos mesmos direitos à vida digna, à remuneração justa, do valor de suas vidas pelo feminino que as constitui, para que conheçam e amem seus corpos, para que sejam livres de todos e de tudo aquilo que as tente nomear ou fixar.

## Referências

- Countrymeters. (2023). *Nepal Population*. Recuperado de <https://countrymeters.info/en/Nepal#literacy>
- Dahal, P., Joshi, S., & Swahnberg, K. (2022). A qualitative study on gender inequality and gender-based violence in Nepal. *BMC Public Health*, 22(1), 1-15. <https://doi.org/10.1186/s12889-022-14389-x>
- Eide, A., Neupane, S., & Hem, K.-G. (2016). *Living conditions among people with disability in Nepal*. Sintef.
- Ghimire, J. (2012). *A flower in the midst of thorns: autobiographical essays by Jhamak Ghimire*. Xlibris.
- Holmes, R., Samuels, F., & Ghimire, A. (2018). *Nepal's cash allowances for children with disabilities*. UNICEF. <https://www.unicef.org/nepal/media/1236/file/Briefing%20Note.pdf>
- Human Rights Watch [HRW]. (2018). *Nepal: barriers to inclusive education*. <https://www.hrw.org/news/2018/09/13/nepal-barriers-inclusive-education>
- Jhamak Ghimire Academy [JGA]. (2015). *Jhamak Ghimire documentary*. <https://www.youtube.com/watch?v=mkHWsmMStEM>
- Morris, J. (1991). *Pride against prejudice*. Hazell Books.
- Morris, J. (2001). Impairment and disability: constructing an ethics of care that promotes human rights. *Hypatia*, 16(4), 1-16.
- National Alliance of Women Human Rights Defenders [NAWHRD]. (2018). *Nepal - CEDAW - shadow report*. <https://www.ecoi.net/en/document/1451728.html>
- National Federation of the Disabled Nepal [NFDN]. (2023). *Disability data from nepal census 2021*. <https://nfdn.org.np/news/disability-data/>
- Honorary Ph. D. awarded to litterateur Ms Jhamak Ghimire. (2016, Sept.). Office of the President of Nepal. <https://president.gov.np/jhamak-ghimire/>
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2011). *Relatório mundial sobre a de ciência*. Banco Mundial.
- Orrú, S. E. (2017). *O re-inventar da inclusão: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender*. Vozes.
- Orrú, S. E. (2023). *Mulheres em Águas de Piratas: vozes insurgentes da América Latina, África e Ásia em luta contra o patriarcado*. Dialética.
- Palacios, A. (2008). *El modelo social de discapacidad: orígenes, caracterización y plasmación en la Convención Internacional sobre los Derechos de las Personas con Discapacidad*. Cinca.
- Poudyal, N., Banskota, M., & Khadka, D. (2018). *Disability in Nepal: taking stock and moving forward*. Disability Research Centre Kathmandu University. <https://www.unicef.org/nepal/reports/disability-nepal>
- Prasai, S., & Pant, A. (2018). *Monitoring the employment rights of persons with disabilities in Kathmandu, Nepal (holistic report)*. Disability Rights Promotion International (DRPI)
- Raut, N. (2018). Case studies on sexual and reproductive health of disabled women in Nepal. *Asian Journal of Women's Studies*, 24(1), 140-151. <https://doi.org/10.1080/12259276.2018.1424700>
- Rohwerder, B. (2020). *Disability inclusive development nepal situational analysis june 2020 update*. Institute of Development Studies (IDS).
- Rollingnexus. (2019). *Transforming restrictions into firepower- Jhamak Kumari Ghimire*. Recuperado de <https://rollingnexus.com/business/blog/rppl/Jhamak-Kumari-Ghimire#>
- Sachs, J., Lafortune, G., Fuller, G., & Drumm, E. (2023). *Sustainable development report (SDR)*. Dublin University Press.
- Samarajiva, R. (2018). *ICT access and use by persons with disabilities (PWD) in Nepal*. After Access Team. <https://g3ict.org/publication/ict-access-and-use-by-persons-with-disabilities-pwd-in-nepal>
- Shrestha, P. M. (2023). *Accidents, insurgency blamed for rise in disabled population*. <https://kathmandupost.com/national/2023/03/31/accidents-insurgency-blamed-for-rise-in-disabled-population>

Jhamak Ghimire honored. (2016, June 16). *The Kathmandu Post*. <https://kathmandupost.com/art-entertainment/2016/06/16/jhamak-ghimire-honored>

The Rising Nepal. (2023). *Religious superstition adding woes to people with disability*. <https://risingnepaldaily.com/news/27147>

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco]. (2020). *Informe de seguimiento de la educación en el mundo 2020: inclusión y educación: Todos y todas sin excepción*. Unesco.

United Nations Office for Disaster Risk Reduction [UNDRR]. (2023). *Global survey report on persons with disabilities and disasters*. UNDRR.